

Ampliação da experiência estética com um grupo de percussão de nível básico

Comunicação

*Francisco Abreu Pereira de Oliveira
UnB - CEP/ Escola de Música de Brasília
xicoperc@gmail.com*

Resumo: Esse artigo tem como objetivo refletir sobre o repertório usado no grupo de percussão da Escola de Música de Brasília, o texto aborda aspectos históricos da formação Grupo de Percussão, seus objetivos e repertórios. Questiona a ausência de composições para iniciantes que utilizem estéticas da música contemporânea e escrita não convencional e sugere a criação de novas composições que possam desenvolver outras habilidades e conhecimentos, além do enriquecimento da experiência estética dos estudantes desde os primeiros contatos com a música de câmara para percussão a partir da ampliação e diversificação do repertório. Esse texto é parte do trabalho em andamento do mestrado profissional em Artes - Profartes.

Palavras-chave: Grupo de Percussão; Repertório contemporâneo para iniciantes; Ensino de percussão para iniciantes.

1. Introdução

Atuo como professor de percussão há onze anos no Centro de Ensino Profissional/ Escola de Música de Brasília (CEP/EMB), uma escola da rede pública do Distrito Federal. De acordo com o itinerário formativo do curso, além das aulas individuais de instrumento e disciplinas teóricas, os estudantes participam da prática de conjunto, sendo que desde o primeiro semestre atuam na disciplina Grupo de Percussão (GP), e mais tarde durante o segundo ano de curso, participam da Banda Sinfônica. Segundo o Projeto Político Pedagógico vigente, o objetivo da disciplina GP é "Aplicar os conhecimentos musicais e habilidades técnicas adquiridos no estudo específico do instrumento à prática da música para grupo de percussão" (CEP/EMB, 2018, p. 319).

O programa da escola enfatiza o Grupo de Percussão como forma de treinamento técnico e musical no contexto coletivo, ou seja, as experiências musicais estão na sua grande maioria ligadas aos elementos estudados nas aulas de instrumento, geralmente com foco na



técnica e leitura musical. No repertório musical que dispomos no CEP/EMB direcionado aos iniciantes, podemos identificar a ênfase na música tradicional e suas principais características: forma musical fixa; utilização de métrica regular; valorização da hierarquia de vozes (solistas e acompanhadores); exigências rítmicas e formais, entre outras.

Neste artigo, pretendo refletir sobre os papéis que a disciplina Grupo de Percussão (GP) pode representar no processo de ensino e aprendizagem de um curso básico de percussão erudita. Especificamente, refletir sobre o potencial que a prática de conjunto pode exercer ao propor um repertório que contribua com a ampliação da experiência estética do estudante iniciante a partir da prática de obras que utilizem *estéticas da música contemporânea*¹. Uma das principais inquietações que tenho me deparado durante anos de prática docente, e agora acentuada em meio a pesquisa de mestrado em andamento, é a ausência de repertório para grupo de percussão iniciante com escrita e estética não tradicional.

Como instrumentista, docente, compositor e pesquisador, tenho atuado com a atenção bastante direcionada às criações artísticas do nosso tempo, e assim como Koellreutter (1990) penso que “A linguagem musical de nosso tempo não poderá ser uma espécie de resíduo do pensamento do século XIX. Mas sim, deve ser o reflexo da nossa realidade como ela se apresenta, e da forma como ela contribui para a sua apreensão” (KOELLREUTTER, 2018, p. 18).

Para nos situar melhor, trago aqui o conceito de estética e ‘experiência estética’ que estou adotando ao tratar da proposta de ampliação da experiência estética dos estudantes. Koellreutter (1990) traz a seguinte definição em seu livro *Terminologia de uma nova estética da música*:

Estética (Do grego *aisthetikós* = sensível, sensitivo) - Parte da filosofia que estuda as condições e os efeitos da criação e da atividade artística. Estudo racional e fenomenológico da expressão artística, quer quanto às possibilidades de sua conceituação (estética objetiva), quer quanto à

¹ Uma nova estética musical, que nega quase todos os conceitos estéticos tradicionais, como o dualismo, fundamental da música clássica e romântica, ou seja, a oposição dos contrários, assim como consonância e dissonância, tempo forte e fraco, tônica e dominante, melodia e acorde, por exemplo (KOELLREUTTER, 2018, p. 14).



diversidade de emoções e sentimentos que suscita no homem (estética subjetiva) (KOELLREUTTER, 2018, p. 63).

Para este trabalho, a experiência estética está relacionada ao conjunto de sensações que os estudantes experienciam ao apreciar e/ou tocar músicas, e não no sentido comumente tratado, de estética como algo belo, ou como algo dentro de certos padrões esperados. Pretendo relacionar essa concepção com habilidades e conhecimentos que os alunos poderão ampliar ao experienciarem um repertório com abordagem não tradicional de escrita e estética.

2. Grupo de Percussão um breve histórico

Na história da música ocidental, vemos os instrumentos de percussão, juntamente com a voz e as flautas como os mais antigos que se tem indícios. Leonardo Gorozitto, em seu livro *Fundamentos da Percussão: história, instrumentos e ritmos brasileiros*, afirma que foram encontrados ossos esculpidos com dentes que arqueólogos acreditam serem instrumentos musicais usados há mais de 17 mil anos (GOROZITTO, 2020, p. 22). Na história mais recente, encontramos exemplos de manifestações tradicionais, em diversos países, com diferentes conjuntos de instrumentos percussivos. Sobre isso Paiva (2015) cita:

[...] por exemplo, na cultura popular, a percussão sempre esteve fortemente presente nas diversas manifestações musicais ligadas a grupos folclóricos, étnicos, religiosos, folguedos e festas de rua. Por isso, o conceito de grupo de percussão pode variar de maneira significativa de acordo com a vivência e as concepções sobre música dos sujeitos envolvidos[...] (PAIVA, 2015, p. 21).

Neste artigo, tratarei exclusivamente do repertório composto para a categoria Grupo de Percussão, assim como definido por Beck (1995 p. 269) “um grupo de percussionistas e instrumentos de percussão que executam música escrita para esta formação”. Conceito esse que foi cunhado a partir das primeiras composições específicas para instrumentos de percussão nos anos de 1930. Podemos observar que, mesmo com os instrumentos de percussão presentes em inúmeras manifestações tradicionais pelo mundo, a música de câmara composta para categoria Grupo de Percussão (GP) é relativamente recente na história



da música ocidental e, em virtude dessa origem moderna, seu repertório traz em suas características muito da evolução e experimentação que aconteciam nas linguagens artísticas no início de século XX.

Alguns acontecimentos tiveram grande importância para os novos rumos da música ocidental e para a entrada dos instrumentos de percussão no *main stream* da música de concerto. Podemos dizer que a família da percussão conquistou protagonismo na música de concerto apenas no início do século XX. Segundo Tullio (2014, p. 19), até as primeiras décadas do século XX, “a percussão era tratada basicamente como acompanhamento, reforço rítmico, ou como efeito timbrístico dentro da orquestra”.

A história da música ocidental para percussão está fortemente vinculada às mudanças estéticas que ocorreram e ainda ocorrem nas sociedades desde o início do século XX. Já nas primeiras décadas, alguns compositores mais ligados à vanguarda musical começaram a se utilizar da riqueza tímbrica dos instrumentos de percussão, e a partir destas experimentações, novas maneiras de se escrever música, assim como novos gêneros musicais, começaram a surgir. Alguns trabalhos que tratam deste assunto e corroboram com essas afirmações são (OLIVEIRA, 2012, p. 11; PAIVA, 2015, p. 26; PARKER, 2010, p. 7; TEIXEIRA, 2012, p. 23; TÚLLIO; SULPÍCIO, 2016, p. 2).

Aquim Almeida e Cecília Tamplenizza traçam alguns destes momentos:

SEGUNDO KLINGENDER (1972), a arte produzida na primeira metade do século XX foi fortemente influenciada pelas transformações socioeconômicas e políticas proporcionadas pelas novas máquinas e pelo rápido crescimento das cidades industrializadas. Um processo em que se estabeleceram novas relações e valores, e em que as noções do tempo e do espaço aceleraram abrupta e rapidamente (ALMEIDA; TAMPLENIZZA, 2021, p. 4).

Ainda em relação à busca dos compositores pela inovação por meio da percussão, CAMPANHÃ e TORCHIA (1978 apud PAIVA, 2015) apontam:

No período Moderno, com o aparecimento do Jazz e outras inovações, o compositor começou a dedicar-se à busca de novos efeitos sonoros, que o levou a estranhas e fascinantes paragens de exóticas músicas de instrumentos de percussão. Daí para frente, estes instrumentos, não só se tornaram integrantes da orquestra, como também, começaram a ser

introduzidos, pelos modernos compositores, na Música de Câmara (PAIVA, 2015, p. 23).

Ainda segundo Almeida e Tamplenizza (2021), em 1930 surge a primeira obra escrita exclusivamente para instrumentos de percussão, o compositor cubano Amadéo Roldan escreve Rítmicas nº 5 e nº 6, abrindo assim caminho para um crescente número de compositores explorarem essa nova formação instrumental da música de concerto. Entre os anos de 1930 e 1943, principalmente na costa oeste norte americana, houveram inúmeras composições que marcaram o grande *boom* da música composta exclusivamente para percussão, ajudando a consolidar o repertório para GP como protagonista da vanguarda musical da época. Ionisation (1931) de Edgard Varèse, tornou-se um marco pelas inovações sonoras e técnicas trazidas ao universo da percussão, que segundo Schick (2006 apud SIWE, 2020, p. 32) “Ninguém podia ouvir Ionisation e não reconhecer a sua força como obra de arte, nem o efeito duradouro e legitimador que teve para os compositores de música de percussão”.

Vários compositores de renome internacional contribuíram para a consolidação da família da percussão como uma das mais atuantes na música ocidental dos séculos XX e XXI, a exemplo de John Cage, Low Harrison, Karlheinz Stockhausen, Iannis Xenákis, Steve Reich, dentre outros. Aqui no Brasil, podemos destacar nomes como Fernando Cerqueira, Willy Corrêa, Luis Carlos Csekö, Flô Menezes, Jorge Antunes, Paulo Chagas, Roberto Victório, Edson Zampronha entre muitos outros, que tem contribuído com a afirmação da percussão dentro da vanguarda musical.

Percebemos então que desde as primeiras composições nos anos 30 até os dias de hoje o repertório para grupo de percussão explora as estéticas contemporâneas, o que reforça as questões levantadas sobre a ausência desse tipo de estéticas no repertório dos níveis iniciantes.

3. CEP/EMB a disciplina grupo de percussão e o repertório de nível básico

O curso de percussão sinfônica do CEP/EMB, tem como parte estruturante a disciplina Grupo de Percussão, onde, durante boa parte do curso, os estudantes trabalham



em conjunto e vivenciam uma grande quantidade de músicas, passando por diversos estilos musicais e combinações instrumentais das mais diversas.

Sendo uma escola pública, nosso principal papel social é servir à comunidade, recebemos estudantes desde os 8 até 80 anos de idade. Alguns deles, já entram no curso com alguma experiência prévia, tocam ou tocaram bateria/percussão, outros, entram com conhecimentos de instrumento musical, porém, sem conhecer a percussão. Já outros entram sem nenhum conhecimento prévio de música, seja no âmbito prático ou teórico, aventurando-se pela primeira vez no universo musical. Ao gerenciar um grupo musical com estudantes de experiências tão distintas, percebo a necessidade de material que consiga contemplar a todas e todos, permitindo que os mais experientes atuem junto com os iniciantes, sem excluir ou desestimular ninguém.

O repertório disponível em nosso acervo pode ser classificado em duas grandes categorias: 1) obras com viés artístico (composições do repertório standard, de autores conhecidos e consagrados) que são, na grande maioria dos casos, de maior exigência técnica; 2) obras de cunho pedagógico (geralmente escritas por professores percussionistas), que têm como objetivo desenvolver determinadas técnicas dos instrumentos assim como outras habilidades abordadas nas aulas individuais, e carregam algumas características como: nível técnico homogêneo (fácil, médio ou difícil), dificultando para um coletivo de alunos com níveis técnicos distintos; ênfase na leitura musical tradicional, dificultando o acesso para alunos iniciantes que ainda não têm familiaridade com a notação tradicional; transcrições e arranjos de músicas populares ou composições com estilo similar, exigindo uma expertise prévia de leitura melódica ou percepção rítmica já acurada.

Assim, após alguns anos com dificuldade de escolha de repertório que se adequasse ao nosso GP, experimentando, adaptando e compondo algumas músicas, percebi dois problemas principais que me motivaram a refletir sobre o repertório para alunos iniciantes dos grupos de percussão: 1. Escassez de músicas pensadas para um grupo heterogêneo; 2. Ausência de obras para iniciantes com escrita e estética não convencional.

Tenho percebido ao longo dos anos que uma das estratégias mais adotadas na nossa escola para a prática de conjunto iniciante é trabalhar com um repertório focado na música



de linguagem tradicional², inclusive com músicas ‘comerciais’ da atualidade, que geralmente os estudantes demonstram mais afinidade. Esse tipo de estratégia tem sido utilizada em diferentes contextos, inclusive fora do contexto escolar. Por exemplo, vemos um aumento significativo de concertos sinfônicos com temáticas mais ‘chamativas’ como trilhas sonoras³ de filmes famosos, homenagens a bandas de rock⁴ e acompanhando artistas da música popular.

As pessoas ficaram muito empolgadas com o repertório variado que abrangeu os clássicos universais, do cinema e da música brasileira. Houve um crescimento do público a cada nova apresentação”, comenta o regente Claudio Cohen. A abertura desta terça-feira (3), na Casa do Cantador, apresenta um programa diversificado que vai de Astor Piazzolla a George Gershwin, passando por Egberto Gismonti, Toquinho e Vinícius e Bach. (JORNAL DE BRASÍLIA, 2022).

Essa estratégia parece funcionar muito bem se levarmos em conta a ampliação do público, porém, pode trazer um problema no ambiente educacional, na medida em que pode implicar a supressão de outras estéticas, formas e técnicas musicais que fujam do tradicional, incluindo obras significativas para a percussão, como é o caso das músicas de estéticas contemporâneas. Do ponto de vista educacional, segundo Fonterrada (2008 apud. GOMES, 2014, p. 83) Willems (1985) defende a “importância de desenvolver a audição em prol da aceitação de outros sistemas, demonstrando uma preocupação em desnaturalizar a ideia do sistema tonal, como padrão vigente ocidental.”

A partir da década de 1960 começa a surgir um movimento de vanguarda na educação musical que visa ampliar a vivência e a prática de estéticas contemporâneas em sala de aula, Fonterrada (2008) os denomina como a segunda geração dos métodos ativos, a citar: M. Schafer, J. Paynter, F. Delalande, C. Renard dentre outros:

Um grupo de educadores musicais/compositores que alinham-se às propostas da música nova e buscam incorporar à prática da educação musical nas escolas os mesmos procedimentos dos compositores de

² melodia, harmonia e ritmo como elementos primordiais, ênfase na leitura de partituras, hierarquia de vozes e funções na música (acompanhamento e solo).

³ <https://brasiliarios.com/cultura/751-orquestra-sinfonica-do-teatro-nacional-apresenta-classicos-do-cinema>

⁴ <http://renatorusso.com.br/2014/06/29-de-junho-um-ano-de-renato-russo-sinfonico/>



vanguarda, privilegiando a criação, a escuta ativa, a ênfase no som e suas características (FONTERRADA, 2008, p. 179).

Passados mais de cinquenta anos deste movimento de valorização e inserção de estéticas da música contemporânea na educação musical, pesquisas apontam um cenário ainda muito tímido quanto a inclusão de repertório dos séculos XX e XXI. Érica Gomes (2014) aponta que ainda há uma grande ênfase em repertórios mais tradicionais no ensino musical brasileiro:

A educação musical no Brasil, em todos os segmentos do ensino formal, carrega fortes relações com uma visão tradicional de ensino, que pressupõe uma valorização exacerbada de determinados conteúdos, em detrimento da ampla gama de possibilidades que existe na história da música (GOMES, 2014, p. 78).

Também em outros países, essa questão parece se confirmar, conforme observado pela pesquisadora Susana Porto, em Portugal:

Actualmente, apesar do desenvolvimento de novas abordagens de ensino, prevalece uma visão muito conservadora que inclui apenas o repertório anterior ao século XX, de modo que as crianças não têm contacto com a contemporaneidade musical, isto é, a música erudita actual e a música erudita do século precedente (PORTO, 2013, p. 21).

Uma das dificuldades para o público, em geral, apreciar a música contemporânea, além da pouca difusão, está na sua própria natureza, pois surgiu para 'romper' com a estrutura composicional e estética das obras dos períodos anteriores. Esse rompimento dos padrões tonais, rítmicos, formais e estéticos trouxe um grande estranhamento aos ouvintes e, como vimos anteriormente, a evolução da música para GP está enraizada em um contexto de quebra de padrões e paradigmas em termos de material sonoro, forma musical, uso de múltiplas linguagens e até mesmo de escrita musical.

4. Ampliação do repertório para iniciantes

Ao longo dos anos, diante desse problema de falta de repertório que contemplasse um perfil mais iniciante e heterogêneo, e que abarcasse músicas de estéticas



contemporâneas, a principal estratégia que tenho adotado é recorrer a algumas poucas obras com abordagem não tradicional, com conceito aberto de interpretação, instrumentação e/ou forma musical, assim como com grafia musical não convencional. Cito, como exemplo, as obras: Six (1990) de John Cage; Onze (1996) de Marco Antônio Guimarães; Music for Eight Persons Playing Things (1971) de Jorge Antunes. Pelo fato de tais abordagens não “tradicionais” utilizarem outras formas de escrita ou de organização musical, a resposta dos alunos iniciantes tende a ser mais imediata, facilitando a apropriação do material de trabalho por todos. George Self (1967 apud FONTERRADA, 2008, p. 183) propunha um tipo de notação musical simplificada, “adequada ao som e à estrutura da música contemporânea, em que o timbre e a textura ganham precedência em relação à linha melódica e à exatidão rítmica”, facilitando a compreensão e interpretação da partitura.

Tenho verificado que o uso de repertório com escrita não convencional e estéticas da música contemporânea traz excelentes resultados de aprendizagens teórico-musicais, de convívio social e estimula outras experimentações, e assim como Self (1967) proponho a inserção de outras formas de escrita e estéticas musicais desde o princípio, em paralelo ao ensino do modo tradicional.

No entanto, apesar dessa evidência, a proposta de Self não pretende desconsiderar os procedimentos da música tradicional nem a notação convencional. O que deseja é que sua proposta de notação acople-se aos procedimentos usuais na escola, ampliando as experiências sonoro- musicais de crianças e adolescentes (SELF apud FONTERRADA, 2008, p. 181).

Como evidenciado anteriormente, a música de vanguarda dos séculos XX e XXI está fortemente relacionada com a categoria musical grupo de percussão, gerando uma grande quantidade de obras que até os dias de hoje são executadas, porém, devido a complexidade das obras e exigência técnica elevada, o trabalho das mesmas com estudantes iniciantes acaba sendo muito difícil ou até mesmo inviável.

Assim, uma alternativa é ampliar o repertório iniciante para grupos de percussão, visando atender tanto à diversidade de perfis dos integrantes quanto estimular a experiência em outras estéticas musicais. Além disso, essa ampliação de repertório poderá, também,



desenvolver conhecimentos e habilidades além daquelas desenvolvidas nos repertórios tradicionais já existentes.

Como parte do trabalho final do Prof-Artes, apresentarei uma série de composições que trabalharão diferentes formas de escrita e estéticas musicais, inspiradas em obras de compositores que tiveram papel fundamental na minha jornada como músico e professor, com destaque aos brasileiros Marco Antônio Guimarães, Jorge Antunes e Edson Zampronha, assim como os estrangeiros Steve Reich, John Cage, Thierry De Mey e Terry Riley.

As músicas desta proposta estão sendo compostas de acordo com as idéias apresentadas neste artigo, e ao final do mestrado pretendo distribuí-las também para outras instituições de ensino, contribuindo com a ampliação do repertório iniciante para além do CEP/EMB, oportunizando aos estudantes uma possibilidade de vivência dentro de um universo sonoro e estético que normalmente não estão habituados, podendo experimentar novos sons, texturas, sensações e habilidades, aproximando-se e apropriando-se de um outro universo estético.

5. Conclusão

Refletindo sobre a necessidade de um olhar mais plural para o repertório do GP, acredito ser importante estimular o trabalho de obras que se utilizem das estéticas da música contemporânea concomitantemente com obras tradicionais desde os primeiros níveis de ensino. Colaborando, assim, não apenas com a aprendizagem musical dos estudantes mas também com a ampliação da experiência estética de toda comunidade escolar.

Nesse sentido, a arte contemporânea nos leva a ter uma gama de experiências estéticas das mais diversas e surpreendentes ao romper com a ideia do belo e introduzir nas obras elementos que podem despertar o medo, a raiva, o nojo, etc., sentimentos que, mesmo não sendo agradáveis, são próprios da condição humana (FERREIRA, 2013, p. 42).

Ao propor uma série de composições que contemple os iniciantes, ampliando a abordagem tradicional de escrita e estética, pretendo possibilitar não apenas o trabalho de habilidades musicais específicas mas, também, ampliar a gama de estilos e experiências estéticas aos estudantes, indo além dos estilos da tradição ocidental. Acredito que as músicas



que utilizam estéticas da música contemporânea, além de aproximarem o fazer musical do GP à sua origem histórica, ao utilizarem formas e escritas não convencionais, podem facilitar um primeiro contato com a linguagem musical, contemplar uma gama maior de níveis de saberes, além de estimular novas vivências, ampliando conhecimentos e habilidades desde o princípio da formação musical.

6. Referências

ALMEIDA, Aquim; TAMPLENIZZA, Cecília. Três obras para o conjunto de percussão da UFBA: o primeiro grupo de percussão do Brasil. *Revista Vórtex*, Curitiba, v.9, n.1, p. 1-26, 2021.

BECK, John H. *Encyclopedia of Percussion*, edited by John H. Beck, 269-273. New York and London: Garland Publishing, Inc., 1995.

CEP/EMB, centro de educação profissional escola de música de Brasília. *Plano de curso técnico em instrumento musical*. Brasília, 2018.

FERREIRA, Dilceia M. A. de P. *Ensino de arte e educação estética: vivências de professores que lecionam nesta disciplina*. [S.l.], Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares da UFSJ, 2013.

FONTEERRADA, Marisa Trench. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

GOMES, Érica D. Reflexões sobre o não dito da educação musical: um espaço a ser ocupado pela música contemporânea. *Reflexão e Ação*, v. 22, n. 1, p. 78-94, 4 abr. 2014.

GOROSITO, Leonardo. *Fundamentos da percussão: história, instrumentos e ritmos brasileiros*[livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2020.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. *Terminologia de uma nova estética da música* [recurso eletrônico] / H. J. Koellreutter . – São João Del Rei: Fundação Koellreutter, 2018.

PORTO, Susana Maia. *A Estética Contemporânea e a Educação Musical da Criança: uma investigação-ação sobre a actualidade da música erudita em contextos artístico-pedagógicos*. Tese (Doutorado). Orientador: Francisco Rodilla León. Universidad de Extremadura, 2014.



OLIVEIRA, Luis Carlos de. *Criação de obras para grupo de percussão: níveis de 2o e 3o ciclos de ensino básico*. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ensino da Música) - Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012.

ORQUESTRA sinfônica se apresenta em Ceilândia e Planaltina. *Jornal de Brasília*, 03 maio 2022. Brasília. Disponível em <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/orquestra-sinfonica-se-apresenta-em-ceilandia-e-planaltina/> . Acesso em 09 de agosto de 2022

PAIVA, Rodrigo Gudin. *Grupo de percussão e aprendizagem musical: um estudo multicaso no contexto de dois grupos brasileiros*. 2015. 1 recurso online (201 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP, 2015.

PARKER, Wesley. *The history and development of the percussion orchestra*. 2010. 95 f. Treatise. (Doutorado em Música) – College of Music, The Florida State University, 2010.

SIWE, Thomas. *Artful Noise: music in american life*. University of Illinois Press. Edição do Kindle, 2020.

TEIXEIRA, Leandro Alves Leite Duarte. *O grupo de percussão e a sua influência na aprendizagem da percussão*. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ensino da Música) – Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012.

TULLIO, Eduardo Fraga. *O Grupo do Brooklin: semente da percussão contemporânea no Brasil*. 2014, 234p. Tese (Doutorado em Música), Universidade de Aveiro, Portugal, 2014.